

ARTES VISUAIS

TUDO SE AGITA

por Germano Dushá

Em um vídeo de um minuto e pouco gravado com celular, que circulou por WhatsApp, quatro pessoas vestidas com zentais pretos saíam de trás de um carro, à noite, para abordar um grupo na frente da galeria Luisa Strina. Com gritos de ordem e movimentos corporais agressivos, mas sem nunca encostar nos cidadãos, os fazem deitar no chão e gritar assustados. Numa outra situação narrada nas redes sociais, os visitantes de três grandes vernissages que aconteciam num mesmo sábado se depararam com o chão dos banheiros cagado.

As ações estão relacionadas a um coletivo que não se dá nome e tampouco divulga ou registra oficialmente seus movimentos. Atribui-se ao grupo, também, a criação e circulação de uma espécie de panfleto, cujas cópias foram distribuídas pelos correios a certos destinatários. O impresso — uma folha A4 simples em frente e verso — de um lado trazia um texto, do outro uma imagem pequena, centralizada na página, que reproduzia um quadro de natureza-morta da pintora francesa do século 18 Anne Vallayer-Coster. O ensaio combinaria fofoca com crítica cultural para narrar em detalhes um caso de abuso que se passou numa orgia na casa de um conhecido colecionador.

Apesar das várias histórias, algumas mais críveis e bem explicadas que outras, a única vez que pude presenciar o que dizem ser um dos trabalhos do grupo foi num evento ao ar livre promovido pela Japan House. Repentinamente apareceram pontos vermelhos no centro da testa de três homens, como se estivessem sob a mira de um laser. No começo parecia uma bobagem, até que uma tensão se instalou nos três senhores, que saíram indignados, causando constrangimento geral.

Daqui já está claro: este trabalho é um dos poucos



assuntos relacionados à arte contemporânea que ainda valem atenção na cidade de São Paulo. Há nele uma evidente autorreferência que atira violentamente em direção ao meio comercial e institucional de arte em seus aspectos mais peculiares. No entanto, se em geral anedotas desse pequeno circuito interessam apenas a quem dele faz parte, o absurdo desses eventos transborda a fronteira. É humano e anárquico demais. A elegância do pensamento justapõe-se ao humor cortante, a gravidade da crítica justapõe-se à bagunça desimpedida. O gesto literal opera um corte tão preciso e profundo no plano material que é capaz de abrir diversas camadas de sentidos.

Não se trata, portanto, daquele tipo de obra bastante comum nas exposições independentes, e até em galerias e feiras, que se baseia em comentários óbvios à boçalidade do mercado e das instituições ou ao hermetismo peculiar à produção artística atual. Essas obras são desnecessárias e irrelevantes, e quase sempre nascem de uma hipocrisia juvenil. Por insistirem no que todo mundo já está cansado de saber, são tão ou mais tolas que aquelas paródias feitas por filmes e *sketches* que pretendem tirar sarro do sistema de arte contemporânea e seus agentes.

Em sentido contrário, o coletivo atua diretamente no que há de mais mundano nisso tudo, no que existe em qualquer outro lugar, naquilo que pode ser facilmente assimilado por qualquer um. E o faz ao vivo, produzindo literatura a partir do tecido do real.

Se entendemos a natureza dessas atividades como performances, salta o aspecto específico em relação ao contexto social e espacial em que se inserem. Poderíamos, também, colocá-las no panteão que vai do Fluxus, com seus *happenings* e dispositivos antiarte, às loucuras de Chris Burden: tomar um tiro dentro do campo expositivo, sequestrar uma apresentadora de TV ao vivo pondo uma faca em seu pescoço etc. Do espírito da *Apocalipopótese* de Hélio Oiticica e Rogério Duarte carnavalizando o Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro às arrumações do 3Nós3, que ensacavam cabeças de monumentos públicos no centro de São Paulo e lacravam, com fita crepe, vitrines de galerias de arte com um enorme X, acompanhado de um bilhete pregado na porta: “O que está dentro fica, o que está fora se expande”.

Mas a verdade é que vão além. Somam história da arte com pegadinha, arte conceitual com ativismo. Se valem das estratégias de militantes, e também parecem com as bagunças à toa mas muito bem pensadas que viralizam no YouTube. Trata-se antes de uma iniciação à alegria selvagem do que uma pretensa educação política. E vão além, também, porque são anônimos. Menos por uma questão ideológica do que pela autonomia de poder existir sem autoria. Não é possível haver interesse na biografia dos autores, nem mesmo pela curiosidade, pelo *fluxico*. Ou seja, o fato é absoluto, não se altera diante da revelação da identidade de quem fez. Nada mudaria. O que está feito, está feito. É universal, atemporal.

Numa paisagem cada vez mais anódina e previsível, a sua chegada injeta um grau de violência e realidade onde mais se faz necessário. Tudo se agita.